

AVALIAÇÃO DA OTITE EXTERNA PURULENTA E EVOLUÇÃO CLÍNICA FRENTE A DUAS FORMAS DE TRATAMENTO

GUIOT, G. Ê.^{1*}; MUELLER, N. E.²; CORRÊA, A.³; SIQUEIRA, R.³; SILVEIRA, J. J. J.³; SCHRAMM, C. R.⁴; NOBRE, M. O.⁵

INTRODUÇÃO

O canal auditivo é vulnerável a qualquer mudança, alterações anatômicas e fisiológicas podem levar ao desenvolvimento de um microambiente que favoreça a proliferação de microorganismos (GOTTHELF et al., 2000), a própria flora natural da pele quando sofre alteração na temperatura e umidade prolifera-se de forma intensa e age como um fator perpetuante para a ocorrência de otite (SANTOS et al., 2007).

Embora a otite não represente uma ameaça à vida do animal, é dolorosa e requer tratamento imediato. Porém, a resposta ao tratamento pode ser complicada devido a etiologias multifatoriais que concorrem para o estabelecimento dessa enfermidade. (NASCENTE et al., 2006). Nos casos de otite externa é necessário uma avaliação sistêmica do paciente através da história clínica, anamnese, exame clínico geral, otoscopia, citologia, cultura e antibiograma. (JACOBSON, 2002).

O objetivo deste trabalho foi avaliar os achados clínicos encontrados em cães com otite externa purulenta, e verificar os resultados obtidos após 15 dias de tratamento com e sem lavagem otológica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram estudados 10 cães provenientes do Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas com otite externa purulenta bilateral, totalizando 20 condutos auditivos. Os animais possuíam idades entre um e quinze anos, de ambos os sexos (seis machos e quatro fêmeas), sendo dois sem raça definida e o restante de raças variadas (um poodle, dois cocker spaniels, três fila brasileiros, um labrador e um collie). As otites foram classificadas quanto à evolução clínica em aguda (tempo inferior ou igual a dois meses) e crônica (tempo superior a dois meses) e quanto à conformação da concha acústica em pendular, semi-ereta e ereta. Foram avaliados presença de prurido, agitação da cabeça, odor, eritema e secreção na concha acústica e hiperalgia. Na otoscopia foi considerada a presença de eritema, edema, úlcera, estenose e quantidade de secreção purulenta, a qual foi classificada em três escores (1-2-3), em relação ao grau de obstrução do cone do otoscópio: escore 1-não ocorria a obstrução do cone; escore 2- obstrução parcial do cone; escore 3- obstrução total do cone.

¹ Acadêmica de Medicina Veterinária da UFPel – bolsista PIBIC- CNPq

² Mestrando do PPG em Veterinária/UFPel – bolsista CNPq

³ Acadêmicos de Medicina Veterinária, UFPel

⁴ Médica Veterinária, Faculdade de Veterinária UFPel

⁵ Professora Adjunta Departamento de Clínicas Veterinária, Faculdade de Veterinária, UFPel

Os pacientes que apresentaram eritema do meato acústico e secreção com escore 2 ou 3 ou odor, foram divididos aleatoriamente em dois grupos (A e B), com 10 orelhas em cada grupo. Os animais do grupo 1 receberam solução otológica (associação de antibiótico, antifúngico e corticosteróide) e antibiótico sistêmico, de acordo com dosagem preconizada pelo fabricante. O grupo 2 foi submetido a uma única lavagem do conduto auditivo externo, além do uso de solução otológica e antibiótico sistêmico. Os animais foram reavaliados no dia 15, sendo novamente examinados os meatos acústicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos dez (100%) cães avaliados, seis (60%) apresentavam concha acústica pendular, três (30%) semi-ereta e um (10%) ereta. Quanto à evolução clínica 100% dos pacientes possuíam otite externa crônica. A predominância encontrada nesse estudo de animais com orelha pendular na casuística de otite externa e a alta cronicidade dos casos para as otites purulentas está de acordo com o descrito por outros autores (NASCENTE et al., 2006; HARVEY et al., 2004).

No início do tratamento (dia "0") 100% dos pacientes (grupos A e B) apresentaram eritema no meato acústico, odor e somatório dos escores 2 e 3 da secreção, além de outras alterações clínicas evidenciadas no Quadro 1. Em um estudo (FERNÁNDEZ et al., 2006), de casos de otite externa os achados clínicos mais comuns foram secreção purulenta (60,4%), seguida por prurido auricular (43,4%) e eritema (37,7%), entre outros.

Aos 15 dias de tratamento foi evidenciado redução no eritema do meato acústico (A-70% e B-80%), no odor (A-10% e B-40%) e no somatório dos escores 2 e 3 (ambos-60%), além de outros parâmetros.

Quadro 1 – Achados clínicos encontrados nos condutos auditivos dos grupos A e B antes e após o tratamento.

AVALIAÇÃO OTOLÓGICA	TRATAMENTO			
	A n=10		B n=10	
	Dia "0"	Dia 15	Dia "0"	Dia 15
	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)
Prurido	02(20)	01(10)	06(60)	04(40)
Balançar da cabeça	04(40)	03(30)	10(100)	04(40)
Odor	10(100)	01(10)	10(100)	04(40)
Eritema da concha acústica	07(70)	07(70)	08(80)	05(50)
Hiperalgia	06(60)	05(50)	08(80)	06(60)
Secreção na concha acústica	07(70)	06(60)	08(80)	05(50)
Otoscoopia				
Eritema	10(100)	07(70)	10(100)	08(80)
Edema	05(50)	05(50)	05(50)	08(80)
Úlcera	04(40)	04(40)	03(30)	02(20)
Estenose	06(60)	06(60)	06(60)	06(60)
Secreção				
Escore 1	-	4(40)	-	4(40,0)
Escore 2	07(70)	4(40)	02(20)	04(40)
Escore 3	03(30)	2(20)	08(80)	02(20)

CONCLUSÃO

De acordo com este estudo os condutos auditivos de ambos os grupos demonstraram redução nos achados clínicos iniciais, porém não foi determinada cura clínica após 15 dias de tratamento.

AGRADECIMENTO

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, G.; BARBOZA. G.; VILLALOBOS, A., PARRA, O.; FINOL, G.; RAMÍREZ, R. A. Isolation and Identification of Microorganisms Present in 53 Dogs Suffering Otitis Externa. **Revista Científica FCV-LUZ** v. XVI, n1, p. 23-30, 2006.

GOTTHELF, L.N. **Small animal ears diseases**. 1st Ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company. 2000, 270p.

HARVEY, R.G.; HARARI, J; DELAUCHE, A.J. **Doenças de ouvido em cães e gatos**. Rio de Janeiro: Revinter. 2004, p. 272.

JACOBSON L. S. Diagnosis and medical treatment of otitis externa in the dog and cat. **Journal of the South African Veterinary Association**. v.73, n4, p.162-170, 2002.

NASCENTE, P.da S.; CLEFF, M.B.; ROSA, C.S.da; SANTOS, D.V.dos; MEIRELES, M.C.A.; MELLO, J.R.B. Otite Externa em Pequenos Animais: Uma Revisão. **MedVep**, v.4, n.11, p. 52-59, 2006.

SANTOS, R. R. Sensibilidade *in vitro* da microbiota da orelha de cães com otite externa a cinco antimicrobianos. **Acta Scientiae Veterinariae**. v. 35(Supl 2), s433-s435, 2007.